

# Economia & surpresas

JOSÉ JÚLIO SENNA

**E**m palestra recente para executivos de uma multinacional, fomos surpreendidos com a observação de um dos principais administradores da empresa, baseado em Nova York. "Semanalmente, recebo a visita de economistas dos mais destacados bancos de investimentos do mundo. Nenhum deles foi capaz de me alertar para a recente crise da Ásia. Ninguém fez soar o alarme, anunciando o que estava para acontecer", reclamou o nosso interlocutor.

Por certo, a reclamação é procedente. O modelo asiático de desenvolvimento foi exaltado em várias partes do mundo, especialmente por analistas ocidentais. De repente, o sistema desmorona, as bolsas de valores dos países da região sofrem quedas superiores a 70% (em dólar), as moedas se desvalorizam dramaticamente, os bancos entram em crise. Tudo isso, sem qualquer aviso prévio. Dentre os economistas de renome internacional, quem mais perto chegou de algum tipo de alerta foi Paul Krugman. Em artigo publicado em 1994 ("O mito do milagre asiático"), o professor americano criticou o modelo asiático, comparando-o ao processo de mobilização de recursos levado a efeito no antigo mundo soviético.

Em sua avaliação, porém, Krugman não tocou no ponto mais fundamental, deixando de ressaltar que, em essência, o regime em vigor em boa parte da Ásia era bastante arcaico, podendo ser classificado de mercantilista. A crítica restringiu-se a ressaltar a elevada probabilidade de haver significativa retração do ritmo de crescimento econômico da região, já que esse processo es-

taria calcado apenas na incorporação de novos fatores (basicamente, mão-de-obra e capital físico) ao sistema produtivo, e não em ganhos generalizados de produtividade. De qualquer modo, como não se percebeu que o regime praticado resultaria em crise financeira e cambial, de grandes proporções?

De modo geral, as previsões econômicas dependem da manutenção da estrutura do sistema. Quando as "regras do jogo" mudam, destroem-se as bases para previsões. Mas não é só isso. O instrumental do economista é igualmente deficiente quando se trata de prever o *timing* e a intensidade de mudanças de expectativas.

Muitas vezes, pode-se diagnosticar o caráter insustentável de determinada situação, como a representada por uma política de câmbio fixo, por exemplo, mas é difícil precisar em que momento, e com que força, os agentes econômicos deixarão de acreditar na manutenção do *status quo*. No caso asiático, sabia-se que as situações da Tailândia e da Coreia eram precárias, mas não se imaginava tão frágil a posição de outras economias. Tampouco era possível prever o grau de contaminação entre países da região. Lem-

bre-se que a globalização é um fenômeno recente, incorporado apenas parcialmente aos modelos dos economistas.

Episódios como esse são de difícil previsão. As técnicas e os instrumentos disponíveis não chegam a esse ponto. Em outras palavras, as surpresas continuarão a fazer parte da vida econômica.

---

... as surpresas  
continuarão a  
fazer parte  
da vida  
econômica

---

JOSÉ JÚLIO SENNA é membro do Conselho Diretor da FGV.